

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

HISTÓRIA DA ARTE TRANSFORMISTA/Drag E O MOVIMENTO LGBTQIA+ EM RORAIMA: PROJETO DE INVESTIGAÇÃO.

Elisangela Martins

Universidade Federal de Roraima/UFRR

elisangela.martins@ufr.br

1. Apresentação

O projeto tem como objetivo geral investigar a história do movimento LGBTQIA+, com destaque para sua relação com a aparição da arte transformista e drag na cidade de Boa Vista, RR, entre os anos de 2000 e 2015. Cabe, para esclarecer os termos da proposta, apresentar elementos que contribuam para a sua delimitação temática:

Boa Vista, no estado de Roraima, é a única capital de estado brasileira acima da linha do Equador. A cidade concentra mais da metade da população total do estado, que é formada por indígenas das mais de 15 etnias nativas, além de migrantes oriundos de todos os estados do Brasil e dos países caribenhos com quem faz fronteira, a República da Guiana e a Venezuela. A trajetória de vila ribeirinha a cidade só começou no século XX, quando o povoado surgido às margens do rio Branco foi redesenhado no contexto do Estado Novo varguista e elevado ao status de capital do Território Federal de Roraima, em 1943. De ditadura em ditadura, a cidade recebeu grande aporte de recursos federais em obras de infraestrutura que garantiram ao seu espaço central um desenho radial, com largas avenidas. A BR-174, estrada que faz a ligação terrestre com a cidade de Manaus, foi inaugurada no ano de 1975 e projetos de “colonização dirigida”, que marcaram a política da ditadura civil-militar para a Amazônia, assentaram famílias ao redor das estradas vicinais abertas no sul do Território Federal de Roraima. Sem condições de se fixar no interior, boa parte dessa população se transferiu para a capital, o que explica a concentração populacional na cidade.

Em 1988, com a promulgação da Constituição Cidadã, ocorreu a elevação do Território a Estado. Essa mudança política coincidiu com a descoberta de grandes veios de ouro nas serras ao norte e ambos os fatores se relacionam com a atração de migrantes em números sem precedentes, fazendo o estado saltar de 70 para 300 mil habitantes em

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

poucos meses. Tais processos impactam a cidade com o surgimento de novos bairros e a consequente expansão do território urbano de Boa Vista na virada do século XX para XXI.

É nesse tecido urbano, marcado por fluxos e processos que engendram grandes desigualdades e violências, que se observa também o fortalecimento de ações que organizam a luta por direitos humanos e buscam visibilidade para questões da população LGBTQIA+ em âmbito local. Como já vinha ocorrendo desde a década anterior em outras cidades do país ¹, a organização da primeira “Parada Gay” em Boa Vista data de 2001. Em 2002 ocorre a fundação da Associação Roraimense pela Diversidade Sexual (Grupo DiveRRsidade), e o surgimento da Associação de Travestis e Transexuais de Roraima (ATERR) se dá no ano de 2006. Foi também em 2006 que Boa Vista assistiu ao nascimento de Rosa Paumeirão Kikiki Kakaka Artista Caricata. Considerada a primeira drag queen profissional da cidade, a personagem viveu por 10 intensos anos, durante os quais atuou como recepcionista de boate e animadora de festas particulares, deixando a memória de seu nome e de suas aparições em parte dos boa-vistenses, sendo sempre citada como uma referência da arte drag no extremo norte do Brasil.

De forma geral, no Brasil, a prática drag chega ao ano de 2020 ganhando reconhecimento como manifestação artística contemporânea, relacionada com o mundo pop e contando com espaço significativo nas mídias sociais e meios de comunicação. É o que se observa na popularidade crescente de artistas/cantoras como Glória Groove e Pablló Vittar, da apresentadora Lorelay Fox e da Youtuber Rita Von Hunt. Em Roraima, durante a pandemia, dois concursos premiaram drags: a escolha da Miss Drag da Parada do Orgulho LGBT, ocorrido em setembro, na capital e o Miss Mucura, que em outubro premiou em dinheiro a Miss Drag da cidade de Caracaráí.

Nesse contexto, o trabalho de colaboração voluntária que realizo desde o ano de 2015 para a Associação de Travestis e Transexuais de Roraima propiciou contato com parte significativa da população TRANS da cidade de Boa Vista, representada em todos os seus matizes pela ATERR. Em geral, essas pessoas se referem à primeira década dos anos 2000 como o auge da arte transformista ou drag em Roraima. Assim, reconhecendo

¹ A Parada do Orgulho Gay de São Paulo, considerada o primeiro movimento desse tipo, ocorreu pela primeira vez no ano de 1997.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

essa expressão artística como criação historicamente situada no seio dos espaços de sociabilidade e expressão criativa da comunidade LGBTQIA+ nas cidades, o projeto se dispõe a investigar o seguinte problema: de que forma a arte transformista e drag se articulou com as estratégias do movimento LGBTQIA+, na cidade de Boa Vista, RR, durante os primeiros 15 anos do século XXI?

Para responder a essa questão e atingir o objetivo geral, serão perseguidos ainda objetivos específicos, como a) Identificar e entrevistar artistas, proprietários de casas noturnas e líderes dos movimentos Diversidade e ATERR que tenham se envolvido com performances artísticas no período; b) Mapear os espaços da cidade mais permeáveis às atividades artísticas da performance transformista e drag queen na cidade de Boa Vista, bem como identificar se havia espaços interditados para tais práticas; c) Observar as relações entre artistas e movimentos organizados da população LGBTQIA+; d) Identificar e caracterizar, a partir da escuta dos atores, as diferenças entre a arte transformista e a arte drag em Boa Vista; e) Investigar o olhar midiático local sobre as expressões artísticas através do levantamento das menções à população LGBTQIA+ de forma geral e à arte transformista/drag de modo particular no jornal Boa Vista, durante o período. A construção da pesquisa e a perseguição de tais objetivos de pesquisa se justifica de diversas maneiras, como pretendo demonstrar.

Atuando junto à ATERR, pude presenciar eventos de plena afirmação da potência de vida, como as chamadas Ações Sociais, ocorridas por oportunidade do dia das Mães, das Crianças, da Visibilidade Trans, entre outros. Contando com apoio de diversas outras entidades públicas nessas “Ações”, as travestis, militantes e colaboradoras, oferecem serviços gratuitos à população em geral e têm o intuito de ampliar a visibilidade da população Trans. Para isso, as atividades sempre ocorrem no horário diurno, em Praças, Pátios de Unidades Básicas de Saúde ou Feiras, geralmente na periferia da cidade de Boa Vista. Os serviços oferecidos podem variar de acordo com as parcerias, mas geralmente contam com cortes de cabelo, testes rápidos, orientação jurídica, regularização de documentos de identidade, lanches e entretenimento infantil com pintura facial e shows de palhaços. Nos palcos, geralmente improvisados para que a diretoria da Associação e seus parceiros façam discursos em favor da diversidade e dos direitos humanos, também

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

acontecem a apresentação de DJs, batalhas de bate-cabelo e shows de artistas transformistas, acompanhados com muito interesse pela população presente.

A descrição poderia fazer pensar que a cidade de Boa Vista é permeável a tais manifestações artísticas, mas não é bem assim. Para destacar o caráter conservador da população de Roraima, talvez bastasse informar que essa elegeu o atual presidente com mais de 70% dos votos e reforçar com os dados da pesquisa IBOPE, divulgada no início do mês de novembro de 2020, que afirma que, a despeito das mais de 700 mortes por COVID registradas no estado, 60% da população ainda considera a atual administração federal como ótima ou boa². Tais dados permitem vislumbrar um ambiente social hostil para lutas progressistas diversas. Parte do meu trabalho voluntário nesses anos incluiu o triste encargo de escrever ou revisar ao menos dez notas de pesar e repúdio, referentes a casos de violência e assassinatos contra travestis e transexuais na cidade de Boa Vista. Os altos índices dessas ocorrências nos últimos três anos³ colocam Roraima no topo do ranking dos estados brasileiros que mais assassinam pessoas trans, em proporção à sua população. Nesse ambiente em que proliferam expressões de ódio racista, xenofóbico, misógino, homofóbico e transfóbico, se fazem mais necessárias e justificadas as manifestações em favor da diversidade e dos direitos humanos, sejam elas no campo do estritamente político, da ciência ou das artes.

A experiência como militante pelos direitos humanos e professora de história da educação básica na capital de Roraima impactou minha atuação atual como docente no jovem Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Roraima⁴. Nesse sentido, propor uma pesquisa que trará para o centro das atenções as artes transformistas e drag em Roraima, tomando-as como objeto que compõe a história recente da cidade, significa dar destaque a expressões produzidas em circuitos alternativos e por grupos marginalizados da sociedade boa-vistense. Ao buscar compreender como essas expressões surgem, se estabelecem e se afirmam, em ações individuais e coletivas, no

²<https://g1.globo.com/rr/roraima/eleicoes/2020/noticia/2020/11/11/pesquisa-ibope-veja-avaliacao-de-teresa-denarium-e-bolsonaro-em-boa-vista.ghtml>.

³ Segundo dados da ANTRA-Brasil, a Associação Nacional de Travestis e Transexuais em seus Dossiês de Assassinatos e Violências contra Travestis e Transexuais no Brasil, 2017-2018 e 2019.

⁴ O Curso foi criado no ano de 2010, no contexto de expansão do ensino superior ocorrida naquele período. Conta com 10 professores efetivos e busca se afirmar como espaço múltiplo de estudos e pesquisas para a discussão e produção artística contemporânea, como modo fundamental de aprimorar a formação de professores no Estado de Roraima.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

decorrer do tempo, se pode também observar as relações que envolvem diretamente a arte, os sujeitos e a cidade em jogos de existência, resistência e persistência que inscrevem tais práticas tanto no corpo dos artistas quanto no corpo de uma cidade que lhes fecha os olhos e promove seu constante apagamento.

Permitindo articular a pesquisa histórica como ferramenta para abordar a complexidade das relações entre as manifestações artísticas, seus lugares, suas linguagens e expressões contemporâneas, interrelacionadas com o contexto de expansão da malha urbana em uma cidade Amazônica, espera-se contribuir com a ampliação do conhecimento da história, do campo das artes e com o fortalecimento da luta pelos direitos humanos. Mapear e ouvir artistas transformistas e drag que atuaram/atuam em Boa Vista é identificar e reconhecer a práxis desses indivíduos de modo horizontal, sem exigir-lhes profissionalização ou outros mecanismos de validação comumente empregados para definir o sujeito artista no campo das artes. Assim, os interesses da pesquisa se apresentam com a intenção deliberada de problematizar um sistema excludente, em que a arte ainda é vista e tratada de modo conservador, estático, fechado e deslocado da realidade social que a envolve. Essa pretende ser uma forma subversiva de compreender a arte para fora dos modelos impostos pelo “mercado” e pelo “campo”, reconhecendo a dignidade dos atos criativos e sua relevância como atos de escrita de si que implicam diretamente na vida coletiva e na construção da história.

A composição do corpus-documental, com entrevistas envolvendo artistas e empresários que mantiveram/mantêm casas noturnas com shows de transformismo/drag; fotografias, vídeos e adereços do acervo pessoal dos entrevistados; documentos impressos e digitais dos arquivos das organizações do movimento LGBTQIA+ (Grupo DiveRRsidade e ATERR) e edições do Jornal Folha de Boa Vista, (o principal jornal impresso da cidade no período estudado) deve, ao fim da pesquisa, compor também um acervo disponibilizado para as entidades de luta organizada por direitos à diversidade sexual e de gênero em RR. Assim, o trabalho se assenta num ponto para o qual convergem os interesses pessoais e profissionais que compreendem a pesquisa histórica e a atividade artística como portas para universos mais complexos em que o criar, o fazer, o estudar e o compreender se dão como dimensões do mesmo ser que habita, constrói, se relaciona, impacta e é impactado pelo meio em que se desenvolve.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

2. Discussão teórico-metodológica

Quando Michel de Certeau (2007, p. 65) perguntou “O que fabrica o historiador quando faz história? Para quem trabalha? Que produz?” e colocou no centro de sua investigação teórica “A escrita da história”, problematizou o “gesto que tem, ao mesmo tempo valor de mito e de rito, a escrita”, considerada por ele como “prática ambiciosa, móvel, utópica” (CERTEAU, 2007, p.17).

São essas reflexões que embasam, inicialmente, minha proposta de pesquisa de história da arte, o que equivale dizer que, fundado na prática historiográfica, o projeto pretende, antes de tudo, a observância de etapas/armadilhas que permeiam o fazer história, quais sejam: fabricação do objeto, que consiste na transformação de um elemento da realidade passada em objeto histórico; organização do espaço-tempo em torno desse objeto, realizada a partir da elaboração e interpretação dos elementos coletados durante o processo de pesquisa a partir de concepções teórico-metodológicas definidas e encenação de um relato, com a escrita da história, propriamente dita, a compor a tese.

Pensar história do tempo presente sempre foi um desafio para os historiadores, devido à proximidade temporal com o objeto e as implicações simbólicas das lutas que, em redor dele, ainda estão acontecendo. Além de desnudar o caráter de ato criativo da pesquisa e organizar do ponto de vista metodológico mais amplo os passos da investigação, as proposições de Certeau auxiliam a pensar o lugar do historiador e de sua produção de enunciados, abrindo espaço para a incorporação de outras reflexões teóricas relevantes para o êxito de sua empreitada.

Embora Boa Vista não seja literalmente uma cidade de fronteira, já que seus limites se encontram todos no interior do Estado de Roraima, sua formação histórica a torna espaço privilegiado de coexistência e fricção de múltiplas influências culturais. Essas expressões culturais, sejam nativas ou oriundas dos intensos processos de chegada de grupos migrantes que aqui se estabeleceram e continuam se estabelecendo, estão presentes no cotidiano da cidade sem que, contudo, se possa observar determinada hegemonia. Assim, Boa Vista pode ser caracterizada nos mesmos termos que Boaventura de Souza Santos (1993, p. 49) define como zona fronteira: “uma zona híbrida, babélica, onde os contatos se pulverizam e se ordenam segundo micro-hierarquias pouco

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

suscetíveis de globalização”. Como se pretende estudar as práticas e modos de fazer e existir de um grupo específico, a comunidade LGBTQIA+ da cidade de Boa Vista, a noção de fronteira, tomada nos termos de “metáfora que ajuda o pensamento a transmutar-se em relações sociais e políticas” (idem, p. 51), se soma à noção teórica de entrelugar, popularizada nos estudos culturais por Homi Bhabha, mas já presente como ferramenta teórica nos ensaios sobre literatura latino-americana desenvolvidos por Silviano Santiago a partir da década de 1970.

Segundo Santiago (2019, p.18-19), a ferramenta teórica do entrelugar se desenvolveu como estratégia para se opor a recortes historiográficos que tinham antes optado “pelas luzes da jovem nação e do romantismo, negando direito de fala à escuridão do período colonial” para a abordagem da literatura latino-americana, desconsiderando que “a literatura é apenas parte da cultura”. Tais proposições se ajustam às considerações daquilo que Homi Bhabha desenvolve sobre os diversos processos de domínio e poder coloniais e pós-coloniais em *O lugar da Cultura*. Defendendo a necessidade de “uma revisão radical da temporalidade social na qual histórias emergentes possam ser escritas”, o autor explica que as análises das interações na pós-modernidade foram muitas vezes marcadas por dicotomias e binarismos que impediam a observação das expressões realizadas em espaços intersticiais, por formas híbridas que abundam no contexto contemporâneo. Essas formas não deveriam ser lidas, segundo ele, como incompletas ou improvisadas, mas reconhecidas como “estratégias contra-hegemônicas”, uma vez que seu “indeterminismo” é a marca do espaço conflituoso mas produtivo, no qual a arbitrariedade do signo de significação cultural emerge no interior das fronteiras regulares do discurso social.” (BHABHA, 2010, p. 241-242).

A noção de entrelugar se apresenta como potente operador de leitura da realidade que se pretende abordar na investigação sobre a arte transformista e drag realizada em Boa Vista no início do século XXI, pois possibilita maior liberdade na definição do recorte historiográfico e busca libertar objeto e recorte de formas previamente estabelecidas em outros estudos que abordam expressões artísticas relacionadas com as populações marginalizadas como a LGBTQIA+. Não se trata de desprezar os dados de trabalhos que já tenham abordado a questão da arte transformista e drag em outras localidades do Brasil e mesmo em outros países, mas de buscar um meio próprio de inserir

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

o problema de pesquisa a partir de seu status de fronteira, considerando as práticas e discursos produzidos por um grupo historicamente marginalizado como produções culturais intersticiais.

Um levantamento prévio sobre a história da atividade de artistas transformistas e drag queens em Boa Vista foi realizado a partir de conversas informais com os sujeitos que serão identificados a seguir, membros da comunidade LGBTQIA+, com quem tive contato devido a minha colaboração com a ATERR, e que já se disponibilizaram a contribuir com futuras entrevistas formais. Essas conversas dão conta que a arte transformista e drag começou a ganhar algum espaço com a organização do próprio movimento LGBTQIA+ local, nos anos iniciais do século XXI, pois ocorria em shows que animavam manifestações como a Parada Gay/Parada do Orgulho, em seminários e ações desenvolvidas para a comunidade pelo Grupo DiveRRsidade e pela ATERR e em casas noturnas como a Golden Cats, depois denominada Clube S69.

Instalada no ano de 2001 no bairro Tancredo Neves, na periferia da cidade de Boa Vista, a casa mudou-se progressivamente, passando pelo bairro Liberdade (ainda na zona oeste periférica, mais próximo ao centro), até consolidar-se na Avenida Nossa Senhora da Consolata com a Rua Araújo Filho, no centro, onde tornou-se badalada. A trajetória que perdurou por mais de uma década, fez do S69 um ponto quase que exclusivo de encontro da comunidade LGBT da cidade, inclusive promovendo “a noite das drags”, com entrada liberada para quem estivesse “montada”. Detalhes dessa trajetória por diferentes bairros podem ser reveladores de fluxos como incorporação/rejeição de sujeitos na comunidade e das relações desses mesmos sujeitos, no período, com o corpo da cidade. Esse clube foi a “maternidade” que trouxe Rosa Palmeirão Kikiki Kakaka Artista Caricata e outras drags ao mundo. As primeiras descrições sobre shows de transformismo e drag em Roraima a que tive acesso foram feitas em conversas espontâneas no grupo denominado Amigos da ATERR. São falas lembrando de seus “fervos na Golden Cats da Luana”, “quando a gente se montava horrores”. Uma das pessoas que participaram dessas conversas é Thamires Silva, 32 anos. Em 2019, durante a Parada do Orgulho, que foi apresentada pela promoter e animadora drag Maria Soledad, Thamires foi convidada a apresentar um número de dublagem e dança em que interpretou o Canto das Três Raças, na versão de Clara Nunes. Ouvida um ano depois sobre suas apresentações, Thamires se

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

afirmou “artista sim, mas não drag, travesquim [sic]” e ressaltou que a sociedade “não vê como arte [...], não vê que somos artistas”, refletindo que a comunidade a convida para apresentações porque em Boa Vista se considera “obrigatório ter um show porque a festa é gay”. Ainda segundo Thamires Silva, “a própria classe prefere pagar caro por uma de fora, do que dar oportunidade para as da cidade mostrarem seus trabalhos”.

Parte da “própria classe” a que se refere Thamires é aquela que desfruta atualmente da única casa noturna de frequência LGBTQIA+, a Ícone Club. Em funcionamento desde 2015, em setembro de 2020 a casa acolheu a transmissão da 19ª Parada do Orgulho, feita online, devido à pandemia de coronavírus. Mais uma vez organizado pelo Grupo DiveRRsidade, o evento teve apresentação online conduzida pela conhecida artista paulistana Silvete Montyla.

Em conversa informal, Sebastião Diniz, sócio fundador do Grupo DiveRRsidade, explicou que, nesses concursos que ocorrem “com entrega de faixa” desde 2002, “sempre houve espaço para todas as categorias, gay, trans, lésbica e drag”, mas apenas recentemente todas começaram a ter inscritos. A categoria Miss Drag, segundo ele, é a mais concorrida desde o início. Em 2020, essa categoria foi vencida por Melany De Leon (2020), drag vivida por Gilber, um cabeleireiro e maquiador venezuelano que vive na cidade de Boa Vista há três anos e que, segundo declara no vídeo de sua candidatura, não tinha “se montado” nenhuma vez no Brasil.

Fora dos eventos marcadamente relacionados com a comunidade LGBTQIA+, a visibilidade e o reconhecimento do trabalho desses artistas são limitados, o que provavelmente está relacionado com o apagamento da própria comunidade e especialmente dos sujeitos Trans. Em função disso, uma pesquisa que pretenda abordar a história da arte transformista e drag queen não pode prescindir da história dessas casas noturnas e dos movimentos por direitos à diversidade sexual e de gênero, representados por entidades como o Grupo DiveRRsidade e a ATERR. Para investigar como essas organizações e casas ofereceram condições materiais para a arte transformista e drag queen e, assim, compor o corpus documental da pesquisa, será importante a compilação e análise da documentação (fotografias, recortes de jornais etc.) dos acervos pessoais dos empresários e das duas entidades citadas, já disponibilizados.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Esses documentos permitem conhecer discursos, memórias, contradições e interesses da comunidade que produz e dá suporte para as manifestações de arte transformista e drag e serão tomados como produção específica de um espaço-tempo no qual se entrecruzam fronteiras diversas, inclusive permitindo entrever como essa comunidade compreende suas relações com a cidade. Outra mirada importante será possível através de abordagem da cobertura midiática sobre essa relação (cidade e sua população LGBTQIA+), que se espera encontrar na leitura e análise do maior veículo de comunicação impressa da época, a Folha de Boa Vista. Essa fonte, além de permitir a ampliação do contexto histórico, pode trazer dados relevantes sobre a visibilidade (ou invisibilização) das lutas por direitos da comunidade LGBTQIA+, bem como, através dele, se poderão investigar as formas pelas quais o jornal se referia, para um público muito mais amplo, aos lugares e espaços ocupados por essa comunidade em geral e pelos artistas/empreendimentos dessa comunidade em particular.

Parece ser consensual, nos trabalhos que aos poucos começam a remontar a história de diferentes experiências de transformismo e drag no Brasil, que essa prática artística surge e se consolida em espaços marginalizados por uma sociedade moralista e opressora, que negava visibilidade à homo e a transexualidade e que, até os dias atuais, não lida bem com as questões relacionadas à identidade de gênero. Entende-se, por isso, que a investigação sobre elas exige transpor os caminhos relativamente seguros do mapeamento da produção-circulação-recepção, que tradicionalmente marcam os estudos de história da arte.

A arte contemporânea tem um longo histórico de manifestações em favor da dessacralização da arte e do artista, da incorporação do cotidiano e do não-artístico em suas práticas. Entender o fazer artístico como ato de fala é, no entanto, um desafio que precisa ser analisado de forma completa. Se, por um lado, a arte contemporânea propõe que todos podem falar, inclusive artisticamente, por outro, é ingenuidade crer que, no interior do sistema em que vivemos, todos serão ouvidos pelo campo das artes, que se constitui de discursos próprios, não raro excludentes e bastante elitistas, tornando-se muitas vezes hermético e inacessível para os sujeitos subalternos, nos termos definidos por Gayatri Spivak em seu riquíssimo texto seminal, *Pode o subalterno falar?*. Tais sujeitos subalternos são, segundo o prefácio de sua tradutora, aqueles que compõem “as

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

camadas mais baixas da sociedade, constituídas por modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal e da possibilidade de se tornarem membros plenos do estado dominante” (SPIVAK, 2010, p.12). O estudo de uma produção criativa/artística que parte de travestis e homens cis homossexuais, numa cidade distante no interior da Amazônia brasileira, pode ser o ato de escuta que, observando as camadas de opressão que se acumulam, completaria de fato, segundo Spivak, o ato de fala.

Se Clio tardou a sair do armário, também no campo das artes há poucos estudos sobre a arte transformista e drag, e em geral estes parecem concordar que as expressões dessa arte são marcadas por práticas que misturam teatro e performance a partir de experimentações de gênero que se manifestam no corpo do sujeito. Aparições de grupos teatrais como Divinas Divas ou Dzi Croquettes vêm sendo citadas como manifestações originais dessas expressões artísticas no contexto dos anos de chumbo da ditadura civil-militar brasileira (ambos tiveram, inclusive, documentários produzidos sobre eles, Divinas Divas, dirigido por Leandra Leal em 2006 e Dzi Croquettes, dirigido por Rafael Alvarez e Tatiana Issa, em 2009).

A considerar por essas fontes informativas, está em caminho de consolidação a definição próxima da apresentada pela psicóloga transfeminista Jaqueline Gomes de Jesus (2012, p. 16), que situa o termo drag queen como aquele que se refere a uma prática artística anteriormente denominada “transformismo”, realizada “para fins artísticos ou de entretenimento” e cujas personagens “não têm relação com a identidade de gênero ou orientação sexual” do artista. A autora destaca ainda que as “Drag Queens vivenciam a inversão do gênero como espetáculo, não como identidade” e que tais apresentações são feitas por “artistas que fazem uso de feminilidade estereotipada e exacerbada”.

Assim, olhar criticamente para as definições e discursos que se vêm construindo acerca da arte transformista/drag também é relevante. Não são raras as publicações de artigos que já se apressam a atribuir a popularidade das drag queens ao alcance do programa de TV estadunidense RuPaul’s Drag Race, sem levar em consideração que a visibilidade de artistas brasileiras também está relacionada com as lutas e avanços do próprio movimento por direitos LGBTQIA+ no Brasil. É por essas reflexões prévias que se pretende partir da ideia geral de que o transformismo e o drag envolvem práticas criativas/artísticas que põem os corpos em baila para transgredir regras socialmente

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

construídas, transitando entre símbolos tradicionais de gênero, sem adotar, por ora, outras definições que não sejam aquelas enunciadas pelos sujeitos envolvidos com essas práticas na cidade de Boa Vista.

Com tal postura, ainda sob inspiração de Gayatri Spivak (2016), o projeto pretende questionar o essencialismo da história e dos sujeitos, abordando a arte em Boa Vista sem tratar a todos os envolvidos como uma categoria única, afinal, a subalternização é uma posição, não uma identidade. A observação de como se interseccionam, na composição do campo pesquisado, as diferenças de raça e classe social, como ensina a feminista Angela Davis em *Mulheres, raça e classe* (2016), não pode ser desprezada. Tal postura será fundamental para refletir sobre como esses mesmos sujeitos, embora compartilhem práticas artísticas semelhantes, seriam alçados ao discurso que estabelece o que é ou não é pertencente ao campo das artes. Assim, considerando a diversidade que compõe a comunidade LGBTQIA+ em Boa Vista e os diferentes tipos de subalternização a que podem estar submetidos, entende-se que a pesquisa também se assenta num campo de disputas onde se definem genealogias que, partindo das definições sobre quem é ou não artista e quais práticas são e quais não são artísticas.

Por isso se pretende abordar as vivências artísticas do transformismo e do drag como um conjunto elaborado e partilhado de saberes cotidianos que, embora invisibilizado pela sociedade, é ponte a partir da qual se pode observar a interdependência de discursos, movimentos, fluxos, negociações, nas quais se interpenetram diferentes realidades. Ao acolher a complexidade das práticas e das relações envolvidas na produção da arte transformista e drag no contexto de Boa Vista, bem como ao abordar as representações associadas a essas práticas nos discursos da própria comunidade que a produz e consome, não se pretende representar tal comunidade, mas ouvi-la, acolhê-la em suas formas próprias, buscando, se necessário, soluções diferentes para a “encenação do relato”, a efetivação da narrativa histórica que se intenta produzir, pois, voltando aos ensinamentos de Bhabha (2010, p. 184), “um discurso anticolonialista requer um elenco alternativo de perguntas, técnicas e estratégias, no sentido de construí-lo”.

Do ponto de vista teórico-metodológico, essa postura se vale muito da teoria da complexidade de Edgar Morin. Em *Introdução ao pensamento complexo*, Morin (2005, p. 112) afirma que “a ciência é a aventura da inteligência humana que trouxe descobertas

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

e conhecimentos inauditos, aos quais a reflexão não seria capaz de aceder sozinha” mas reconhece que, institucionalizada e repartida, a ciência que difunde sua influência na sociedade é também influenciada pela determinação tecno-burocrática da organização industrial do trabalho. A ideia de que a complexidade é “o desafio, não a resposta” (MORIN, p.102), coloca o pesquisador conscientemente num ponto entre a ciência e a filosofia, como um vórtice que atrai discursos/produções/conhecimentos de áreas e campos diversos, muitas vezes contraditórios entre si, e se dedica à observação das relações e dos trânsitos, compreendendo a si mesmo, como parte do processo num caminho que só se define ao caminhar.

Nesse contexto, Morin defende a postura de um “autor não oculto” (p.114), que se autodesigna, exibindo-se com humildade como parte integrante e influente do processo que desencadeia o conhecer e assim dá ao leitor a possibilidade de detecção e controle de sua subjetividade. É por isso que a investigação pretende priorizar, no corpus documental, a produção de entrevistas orais com sujeitos diretamente envolvidos na produção e na circulação das performances transformistas ou drag. Trabalhar com memórias pessoais é complexo e sua análise exige sensibilidade e método por parte do historiador. A metodologia da história oral, desenvolvida no Brasil em trabalhos de história como os da pesquisadora Verena Alberti, que auxiliou na montagem do Centro de Documentação da Fundação Getúlio Vargas (1990) e de Ecléa Bosi, que deu voz aos idosos em seu belíssimo livro *Memória e sociedade, lembranças de velhos* (1994), dá ênfase aos relatos de vida dos entrevistados. É uma opção metodológica que coloca o pesquisador num papel delicado de ouvinte que produz documentação escrita a partir da oralidade e da memória de seus entrevistados para, posteriormente, observar as relações possíveis entre elas.

Para a análise dessa documentação produzida, será cara a noção de “relato de si”, desenvolvida por Judith Butler em sua *Crítica da violência ética*. Busca-se assim não perder de vista que

Quando se fala em dar um relato de si mesmo, também se está exibindo, na própria fala, o lógos pelo qual se vive. A questão não é apenas harmonizar a fala com a ação [...]é reconhecer que a fala já é um tipo de fazer, uma forma de ação que já é uma prática moral e um modo de vida. (BUTLER, 2017, p.161)

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Os relatos de si, assim compreendidos como discursos centrais que emergem num duríssimo campo de batalha, envolvem não apenas questões de memória e evocação da verdade, mas emergem carregados de todas as marcas da identidade e posição do sujeito, permitindo o vislumbre ou escancarando noções como as de gênero, religiosidade, sexualidade, classe social, profissionalização etc. Diante disso, as entrevistas serão compreendidas a priori como construtos sociais inseridos nos vãos entre individualidade e coletivização, visibilidade e apagamento, memória e esquecimento, provocados a partir de uma determinada interpelação da pesquisa.

Esses construtos devem ser estudados individual e coletivamente pela noção de interseccionalidade, surgida de reflexões propostas por Kimberlé Crenshaw (2016) e desenvolvidas pelo pensamento feminista negro no qual se destaca a já citada Angela Davis. Em sua entrevista ao TED Talks, Crenshaw explica a necessidade da análise interseccional afirmando que “sem padrões que nos permitam observar como problemas sociais impactam todos os membros de um determinado grupo, muitos vão passar ao largo do movimento, deixados para sofrer em potencial isolamento”. Assim, ao focar na história de uma arte que se engendra e desenvolve junto à marginalizada comunidade LGBTQIA+, é necessário observar que os problemas sociais, tais como o racismo, os preconceitos de classe, a xenofobia, o sexismo, frequentemente se sobrepõem e isso implica uma diferença entre os sujeitos envolvidos na pesquisa.

A prática da leitura interseccional do grupo dialoga com os pressupostos teóricos decoloniais nos modelos de Spivak e Bhabha, ao considerar diferentes formas de subalternização às quais o sujeito pode estar exposto. Assim, os relatos serão produzidos por indivíduos entendidos de modo não essencializado, como gays ou trans genéricos, mas como sujeitos de trajetórias históricas distintas nas quais se entrelaçam fluxos e emergem condições que mesclam situação econômica, social e cultural com questões pertinentes à sexualidade, à arte, à cidade, à família e à comunidade LGBTQIA+, produzindo seus saberes. É em meio à complexidade desses saberes que atua a pesquisa, interpelando para provocar essa nova criação e se incumbindo de tecer compreensões a partir dela.

Entendo, por fim, que trabalhar com memórias é historicamente abordar representações atuais sobre o passado, uma vez que, quem lembra, lembra no presente.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Como pesquisadora, minha proposta é estar permanentemente nesse lugar de aventura e desafio, enfrentando uma complexidade que “não compreende apenas quantidades de unidade e interações que desafiam nossas possibilidades de cálculo: ela compreende também incertezas, indeterminações, fenômenos aleatórios” (MORIN, p.35) que marcam um campo tomado por disputas, conflitos, contradições e dissensos.

É portanto com a intenção de observar os fluxos e as possíveis conexões num campo complexo que une a arte transformista/drag, os sujeitos da comunidade LGBTQIA+ e a cidade de Boa Vista, de formas muito específicas e ainda pouco conhecidas, que por ora interessa manter esse projeto aberto, na medida de suas necessidades, a uma rede de atravessamentos transdisciplinares que envolvem e empregam debates e conhecimentos não apenas da história e das artes, mas também da sociologia, da antropologia, da psicologia, do direito, da comunicação, da ciência política, da medicina, da geografia e de quantas outras áreas estiverem relacionadas com a produção narrativa da história da população LGBTQIA+ na cidade de Boa Vista e de sua arte transformista/drag.

3. Referências Bibliográficas

ALBERTI, Verena. *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1990.

_____. *Manual de História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ALIAGA, Juan Vicente. **Relatos desconformes: teoría queer, política e arte em um mundo pós-colonial**. Revista Poiesis, n 15, p.15-24. 2010.

ANTRA. **Mapa dos assassinatos de travestis e transexuais no Brasil em 2017**. 2018. Versão eletrônica disponível em: < <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2018/02/relatc3b3rio-mapa-dos-assassinatos-2017-antra.pdf>>

BHABHA, K. Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: editora UFMG, 2010.

_____. **A questão do “outro”: diferença, discriminação e o discurso do colonialismo**. In: HOLLANDA, Heloisa, Buarque (org.). Pós-modernismo e política. Rio de Janeiro: Rocco, 1992. P.177-203.

_____. #30biental. **Entrevista a Luis Pérez-Oramas**. 2012. (16m59s). disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=y2dPYqIvmA&ab_channel=BienaldeS%C3%A3oPaulo>

BENEVIDES, Bruna G. NOGUEIRA, Sayonara N.B. **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2019**. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2020.

BENEVIDES, Bruna G. NOGUEIRA, Sayonara N.B. **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2018**. Brasília: Distrito Drag. ANTRA, IBTE, 2019.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos**. 2. ed., São Paulo: T.A. Queiroz, 1994.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

- BURIGO, Joana. **Minha terra tem palmeiras onde dubla a drag queen**. Carta Capital. 28/06/2019. Disponível em <<https://www.cartacapital.com.br/opinio/50-anos-de-stonewall-minha-terra-tem-palmeiras-onde-dubla-a-drag-queen/>>
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 20.ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2020.
- _____. **Relatar a si mesmo**. Crítica da violência ética. Belo Horizonte, Autêntica editora, 2017.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2.ed. 2017.
- CHIDIAC, Maria Teresa Vargas; OLTRAMARI, Leandro Castro. **Ser e estar drag queen: um estudo sobre a configuração de identidade queer**. Estud. psicol. (Natal) , Natal, v. 9, n. 3, pág. 471-478, 2004.
- CRENSHAW, Kimberlé. **A urgência da interseccionalidade**. TED Talks. 2016. (18m41s) disponível em <https://www.ted.com/talks/kimberle_crenshaw_the_urgency_of_intersectionality?language=pt-br#t-14678>
- DAMA, Juliana. **Roraima tem a maior taxa de assassinatos de jovens, mulheres e negros do país**, aponta Atlas da violência. G1 Roraima em 28.08.2020. disponível em <<https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2020/08/28/roraima-tem-a-maior-taxa-de-assassinatos-de-jovens-mulheres-e-negros-do-pais-aponta-atlas-da-violencia.ghtml>>
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DE LEON, Melany. **Entrevista para o Miss e Mister LGBT+Roraima**. 2020. (1m42s) disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=214vllxatyY&t=35s&ab_channel=GrupoDiveRRside>
- GERALDO, Sheila Cabo. **Arte e gênero: o debate da produção transversal de diferenças**. Revista Poiesis, n 15, p.09-14. 2010.
- GOMES, Clemilda Meireles et.all. **Corpo político na identidade performática da drag queen**. In: IX Jornada Internacional de política públicas. UFMA. São Luís, 2019. disponível em <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2019/images/trabalhos/trabalho_submissaoId_998_9985cca5bea96b2f.pdf>
- GUIMARÃES, Anibal. **Todas as mulheres do mundo: a construção do corpo travesti no Brasil** das décadas de 1960 e 1970. In: MINISTÉRIO DA SAUDE. **Transexualidade e Travestilidade na saúde**. Brasília, 2015.
- GREEN, James N. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. Tradução: Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2019.
- GREEN, James N.; QUINALHA, Renan. et all (orgs). **História do Movimento LGBT no Brasil**. Alameda. São Paulo, 2018.
- MAYAYO, Patrícia. **Globalização e gênero: artistas na fronteira**. Revista Poiesis, n 15, p.40-46. 2010.
- MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Editora Sulina. Porto Alegre, 2005.
- SANTIAGO, Silvano et all. **O "entre-lugar" do discurso de Silvano Santiago: uma conversa sobre literatura e cultura com o mestre**. In:Palimpsesto.Volume 18. N.30. 2019. Versão eletrônica disponível em < <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/palimpsesto/article/view/46706>>
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Modernidade, identidade e a cultura de fronteira**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 5(1-2): 31-52, 1993.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Editora UFMG. Belo Horizonte, 2010.
- _____. **¡EXCLUSIVA!Entrevista a Gayatri Chakravorty Spivak**. UChile Indígena. 2016. (11m20s).<https://www.youtube.com/watch?v=L_OX2y4vuMs&ab_channel=UChileInd%C3%ADgena>
- _____. **PARTE 2 Entrevista a Gayatri Chakravorty Spivak**. UChile Indígena. 2016. (17m10s)<https://www.youtube.com/watch?v=Qqp3MpwHodg&ab_channel=UNSAMSanMart%C3%AAD>

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

VENCATO, Ana Paula. **Fervendo com as drags:** corporalidades e performances de drag queens em territórios gays da Ilha de Santa Catarina. Dissertação de Mestrado, Departamento de Antropologia Social do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. 2002.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Reforçar a visibilidade é uma estratégia de sobrevivência.** Entrevista a Amanda Cavalcanti. 29/01/2020. Revista Cult. Versão digital disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/visibilidade-trans-jaqueline-de-jesus/>>

_____. **Notas sobre as travessias das pessoas TRANS na história.** 12/06/2018. Revista Cult.<[OLIVEIRA, Valéria. **Roraima foi o estado com maior número de mortes violentas no Brasil em 2018.** G1 Roraima. 27/02/2019. <<https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2019/02/27/roraima-e-o-estado-com-maior-numero-de-mortes-violentas-no-brasil-em-2018.ghtml>>](https://revistacult.uol.com.br/home/uma-nova-pautapolitica/#:~:text=Radicado%20nos%20Estados%20Unidos%2C%20o,de%20E2%80%9Cpadr%C3%B5es%20de%20cuidado%E2%80%9D.>></p></div><div data-bbox=)